

José Neres

***O último desejo
de Catirina***

O ÚLTIMO DESEJO DE CATIRINA

Peça teatral em redondilha maior

São Luís

2010

© Todos os direitos reservados para José Neres

Página | 3

Cópia Autorizada

Esta cópia digital do livro ***O ÚLTIMO DESEJO DE CATIRINA***, de autoria de ***José Neres*** pode ser distribuída gratuitamente por qualquer meio físico ou eletrônico, desde que resguardados dos direitos do autor e citada a fonte de pesquisa.

Digitação e diagramação
José Neres

Revisão Final
Lindalva Barros

Divulgação
www.joseneres.blogspot.com

Neres, José (1970)

O último desejo de Catirina (Teatro); José Neres. São Luís: Edição virtual www.joseneres.blogspot.com, 2010.

64 p 29,7/21,0

ISBN: 978-85-904976-9-1

1. Teatro. Literatura Maranhense. I - Título

Contato com o autor
joseneres@globocom.com

Nosso interesse é promover a leitura, portanto esta cópia virtual está disponível para todos os usuários da internet sem custo. Fica então vedada a comercialização desta obra.

Este livro é dedicado especialmente à memória de meu amigo *Moscoso*, um homem que amava o teatro e que tantas vezes sonhou em levar meus textos ao palco

Com carinho para:

Lindalva Barros, sempre a primeira e ler meus rabiscos.
Gabriel e Laura, eternos herdeiros até daquilo que não tenho.

A todos os meus colegas

Da Faculdade Atenas Maranhense
Do Curso Método vestibulares
Do Centro Educacional Montessoriano

Às pessoas especiais que sempre acompanharam minha
trajetória pelas tortuosas sendas das letras:

Dino Cavalcante
Nonato Marreiros
Antônia Nilda

A todos os meus alunos e alunas

A
Geny Furtado da Costa
Luís Bartolomeu Ferreira
José Furtado da Costa
Maria Raimunda Neres Costa
- Sem vocês eu não estaria aqui –

Para
Meire, Ivan e Sarah
Talita, Cotinha e Amparo
E todos os meus sobrinhos.

TÁBUA DE PERSONAGENS

FRANCISCO – Um trabalhador rural queimado de sol. Tem uns quarenta anos.

CATIRINA – Esposa de Francisco. Mulata bonita, de uns trinta e cinco anos, sempre com um pano na cabeça.

CHIQUINHO – Filho de Francisco e Catirina, um garoto de uns doze anos.

DOUTOR CAZUMBINHA – Advogado, sempre bêbado, está vestido com uma camisa do MST.

PATRÃO – um homem de idade avançada, sempre de paletó e chicote na mão.

PISTOLEIROS – Homens fortes e sempre de máscara e chapéu.

DEDO-DURO – um homem comum, com roupa de camponês.

CENÁRIO

A peça será em ato único, com dois cenários.

No plano ao nível do palco, teremos um roçado.

No plano acima do nível do palco, teremos a casa de Francisco e Catirina. Uma casinha de barro, com móveis rústicos de madeira bruta. Os móveis são basicamente uma mesa e alguns banquinhos de madeira.

ATO ÚNICO

Página | 8

CENA I

(No plano que representa a roça. Francisco está trabalhando. Um som de matracas bem distante vai de tornando mais forte até ficar ensurdecedor. Alheio a tudo, Francisco trabalha. Cansado, pára, enxuga o suor do rosto com as costas da mão.)

FRANCISCO

Boa tarde, meu compadre!
Boa tarde, minha comadre!
Eta calorão danado,
Acho que vou derreter
Só de calor na moleira.
Vou descansar um pouquinho,
Mas não é preguiça, não...
É que o sol tá brabo mesmo.
Eu, preguiça nunca tive.
Desde pequeno trabalho,
Às vezes de sol a sol.
Já cuidei de alheio gado
De terra alheia já cuidei,
Plantei desde o sol nascer
Até a noite chegar,

Muitas vezes sem descanso,
Tantas vezes sem comer,
Tantas vezes sem viver...
Mas nunca me arrependi
De trabalhar tanto assim
Pois assim ganhei a vida
Pois assim ganhei respeito
De muitos amigos meus.
Novo, fui muito peralta,
Muitas brigas arrumei.
Apanhei, bati, sofri,
Chorei de dor, de alegria.
Muitas, muitas aprontei
Nessa minha juventude
Que bem longe já se vai.
Mas minha vida foi sadia,
Com amigos escolhidos,
Só farra, nada de drogas,
Sem ofender os mais velhos
E respeitando às crianças
De toda forma possível.
Nem eu nem meus companheiros
Nunca fomos de arruaça,
Nunca queimamos mendigo
Nem mexemos com as moças
Fossem de família ou não.
Quando buli com donzela
Foi logo para casar,

E não pensei duas vezes:
Conheci a donzelinha
Numa quermesse de igreja,
De um o outro foi gostando
E nasceu daí um chamego
Que só foi parar no altar.
Que coisa boa, meu Deus!
Brincamos noite todinha...
Lembro como se fosse hoje
Nós dois juntinhos na rede
Balançando devagar
De um lado para o outro
Até o nascer do sol.
Oh, meu Deus! Que coisa boa!
A morena bem novinha
Suada nos braços meus
Suada de tanto amar,
Suando, choramingando,
Pedindo pra eu não parar.
O resto não conto, não,
Pois prometi meu segredo
E homem que homem é
Sabe guardar na cabeça
E só mesmo na cabeça
Os mistérios de seu leito.
Os nossos meses seguintes
De pura alegria foram.
Vinha da roça cansado

E encontrava minha doce
Moreninha me esperando
Com a rosa nos cabelos,
Com os dentes no terreiro
Arreganhados pra mim
Num sorriso mais que lindo
Que me levava a sonhar
Com paraíso na roça,
Que me levava a sonhar
Com a paz da eternidade.
Para a vida melhorar
Eu trabalhei mais e mais
Sem em descanso pensar,
Sem cair em cachaçadas,
Chegava bem cedo em casa
E não gastava um vintém
A mais do que o necessário
Para alimentar meu sonho
De nossa casa comprar,
De ter uma terra nossa
De ter um dia gadinho
De ter comer todo dia...
Tudo isso era belo sonho
Que alimentava o sonhar
De um casal bem novinho
Que só contava na vida
Com desejo de vencer,
Com força pra trabalhar,

Com a vida pra viver,
Com um ao outro pra contar,
Com um céu pra nos cobrir,
Com um sol pra nos quentar,
Com um Deus pra proteger
Cada dia que nos dava...
Mas tudo, tudo mudou mesmo
Quando ela me avisou
Que suas regras falharam
Pela vez primeira em anos.
Minha alegria foi tanta
Que quase não resisti
De tanta felicidade.
Até esqueci que a vida
É mais dura para os pobres,
Mas o sorrir vale a pena
Quando esperança é tempero
Para barriga vazia
De arroz e de feijão
Mas lotada de criança.
É, a barra foi bem dura,
Foi muito difícil mesmo,
Mas filho é muito importante
E não se pode tirar
E nem deixar pela rua
Como fazem por aí
Nessa tal cidade grande.
A luta foi dura, dura...

É... mas nós sobrevivemos
E aqui nesta roça estou
Com corpo cheio de dores
Cansado de trabalhar,
Mas certo de que lá em casa
Eu deixei o que comer.
Daqui a pouco Chiquinho,
Meu filho do coração,
Vem trazer minha marmita,
Que a fome começa a bater.
Nossa! Parei muito tempo!
Vou pro trabalho voltar,
Se patrão por aqui passa
E me vê assim parado,
Logo corta meu dinheiro
E manda me despachar.
É ruim ser empregado,
Ganhar pouco e ter que ouvir
Reclamação todo dia.
Pra isso não acontecer,
Volto pro cabo da enxada
Até comida chegar.
Como eu queria saber
Como lá em casa está.
A mulher prenha de novo
Quentando minha comidinha
Que daqui a pouco chega...
O menino deve estar

Brincando lá no quintal
Imaginando o irmão
No ventre da mãe querida
Que dentro de poucos meses
Neste mundo morará.
Minha preta Catirina,
É por ti e nossos filhos
Que me mato de trabalho...
Acho que muito já falei...
Não sou pago pra falar
Sou pago é pra roçar.

CENA II

Página | 15

(Francisco volta a capinar e fica trabalhando enquanto a luz se desloca para o segundo plano, que representa a casa. Mesmo antes do deslocar da luz, já se nota movimentos na casa. Catirina está nos afazeres domésticos. Varre, cozinha, enche um pote de água. Vai e volta várias vezes. Pára. Enxuga o suor na barra na barra da longa saia. Começa a gritar)

CATIRINA

Ó Chiquinho, ó Chiquinho!!!
Chiquinho!!! Onde tu tá?
Aparece aqui menino,
Se eu for atrás de ti,
Vou te bater de verdade.
Ó Chiquinho, ó Chiquinho!!!
Chiquinho!!! Onde tu tá?
Mas que diabo de menino
Que nunca aparece aqui
Quando dele se precisa!
Deve de tá nesse mato
Procurando passarinho
Então armando arapuça

Lá debaixo das mangueiras,
Que aquele menino parece
Um doido quando vê caça,
Pode ser paca, tatu,
Cotia ou outro qualquer
Que ele traz pra me ajudar
No comer de todo dia.
Ele é menino bonzinho,
De ajudar todo mundo
Mesmo sem ninguém pedir.
Trabalhador como o pai,
Puxou também o defeito
De Francisco... falador!!!
De nada parece ter medo
Só tem doze anos meu filho
E vive num fogo só,
Arrasta asas pras meninas
Quer pegar nos peitos delas,
Olha por debaixo das saias
E já foi pego com a cabrita
Quando fazia saliência,
Foi a maior confusão,
O pai dele ficou brabo
Quase espancou a criança.
Oh, que menino danado,
Não sei onde vai parar.
Ele tem que aparecer,
Pois com esse bucho enorme

Não vou levar o comer
Pra Francisco lá na roça.
Ó Chiquinho, ó Chiquinho!!!
Chiquinho!!! Onde tu tá?
Aparece aqui menino,
Se eu for atrás de ti,
Vou te bater de verdade.

CENA III

Página | 18

(Chiquinho entra correndo com um pássaro morto nas mãos)

CHIQUINHO

Oh, mamãe, pra que gritar,
Se bem aqui eu estou.
Vim correndo pra levar
A comida de meu pai.

CATIRINA

E por que demorou tanto?
O comer vai esfriar.

CHIQUINHO

Mamãe, parei no caminho
E peguei um passarinho,
Vê como o bicho tá gordo,
Bom pra comer na fogueira.
Tirá ao menos o gosto
Do feijão e do arroz

Que vez ou outra comemos.

Página | 19 **CATIRINA**

Chiquinho, reclame não
Que têm muitos por aí
Que nem feijão pra comer
Têm todo dia na mesa.

CHIQUINHO

Reclamo não, minha mãe,
Mas papai tanto trabalha
E quase nada ele ganha
Que às vezes penso, mamãe,
Pra que serve trabalhar.

CATIRINA

Meu filho, trabalho é bom,
Se seu pai não trabalhar
Bem duro de sol a sol
Como nós vamos viver?
Ainda mais, meu Chiquinho,
Pára de pensar besteira
E vai logo levar comida

José Neres

Pra seu pai que tá na roça
Quase morto de bruta fome.
Vai com Deus, meu filho e volta
Logo pra também comer.

Página | 20

CHIQUINHO

Já tô indo, volto logo
E se outro passarinho
No caminho encontrar
Nós teremos um jantar
Um pouco mais gostosinho.

(Chiquinho pega a marmitta velha que está sobre a mesa, enrola-a num pano e sai correndo)

CENA IV

Página | 21

(Catirina, sozinha, após a saída de Chiquinho, começa a arrumar as panelas, muito concentrada no que faz.)

CATIRINA

Eta, menino danado!
Não pensei que fosse assim.
Não fica calado nunca,
Tem sempre uma resposta
Pronta na ponta da língua.
Diz sempre algo certo
Afiado como uma faca
De sangrar porco no campo.
Bem me disse Cazumbá,
Nosso melhor curandeiro,
Que pedir língua de boi
Podia ser um sinal
De menino falador.
Agora sei que é verdade
O que vem dos encantados...
Mas também tô bem cansada
Dessa vida de pobreza,
De ver meu homem sofrendo

Trabalhando feito besta
Pra quase nada ganhar.
E eu com bucho de novo
Nem posso mais ajudar.
Antes eu lavava roupa,
la capinar na roça,
Tirava leite de gado,
Ninava filho de branco
E conseguia dinheirinho
Pra ajudar a comprar
Umas coisinhas pra casa.
Teve até um dia que,
Francisco não sabe disso,
Eu, bonita e bem novinha,
Ouvi do nosso patrão
Uma proposta imoral:
Daria terra pra gente,
Caso eu com ele deitasse.
Até que deu uma vontade.
Era homem bem bonito,
Cheio de vida e cheiroso.
Disse que sempre gostou
De meus peitos muito duros,
De minhas coxas grossinhas,
De meu cheiro de sabão
De coco em água de bica.
De tudo mais me falou.
Não fui não. Deus me proteja,

Me livre e guarde do mal.
Depois que disse não
Nunca mais ele falou
Comigo dia nenhum
Nem mesmo de brincadeira.
Até hoje fico pensando
Se quando matou Francisco
O boi preferido dele,
Foi ainda por me querer
Foi que patrão arrumou
Aquela história de boi
Voltar de novo a viver.
Acho que o que ele queria
Era matar meu marido
Para depois me usar
Como puta do prazer
Quando a mulher viajasse.
Mas meu Francisco não troco
Por outro homem nenhum.
Chiquinho lá já chegou,
O bichinho deve tá
Já comendo o feijãozinho.
Vou é arrumar as coisas
Para quando ele chegar.

CENA V

Página | 24

(Catirina volta a trabalhar. A luz se desloca da casa para o campo. Francisco continua capinando. Vez ou outra olha para a estrada para ver se seu filho chega com o almoço. Chiquinho entra correndo. Traz nas mãos dois pássaros mortos)

CHIQUINHO

Papai, desculpe a demora,
Sei que a fome chegou
Hoje bem antes de mim,
Mas é que parei um pouco
Pra pegar os passarinhos
Que vamos comer de noite.

FRANCISCO

Não se preocupe, meu filho
Por essa tardança de hoje,
Já passei por tanta fome
Que a barriga sabe esperar
A hora da pouca comida
Que vem pra nos sustentar.
E você que hoje fez?

Como sua mãe está?
Como vai nosso barraco?

CHIQUINHO

Vai tudo na mesma, pai,
Que nada pode mudar.
Hoje quase nada fiz
Que precise lhe falar.
Mãe continua brigando
Até mesmo com as paredes.
O barraco nada muda,
Como tudo em nossa vida...

FRANCISCO

Mas é pra isso que trabalho
Muito duro todo dia,
Seu molequinho atrevido,
Não responda mais assim,
Que não sou teu pareceiro.

CHIQUINHO

Me desculpe meu pai

Que eu não quis ofender
Mas é que nunca gostei
De ver você e mamãe
Sofrendo dessa maneira
Trabalhando o dia todo
Para o Patrão bem viver.

FRANCISCO

Meu filho, tu tem razão,
Mas só que sem trabalhar
A gente não vive não.
Como estudar eu não pude,
Tenho que suar na enxada
Tenho que encher de calos
As mãos até o sangrar.
Pra não seguir meu destino
É que eu sempre te pedi
Para ir para o colégio...

CHIQUINHO

De que adianta estudar
Neste mundo todo errado?

FRANCISCO

Página | 27

Não é bem assim, meu filho

CHIQUINHO

Acho que é assim, sim, papai...

Veja o caso de Cazumbinha

Do padrinho Cazumbá.

O pai dele se matou

De tanto rezar e curar,

Trabalhou e trabalhou,

Juntou bastante dinheiro

O filho foi pra cidade

E se formou advogado

Agora não tem emprego

E vive na cachaçada

Bêbado como um gambá.

Pra que serve advogado

Onde justiça não tem?

FRANCISCO

Vai daqui, menino peralta,

Que só sabe responder,

Que eu quero comer em paz

Recuperar minhas forças
E voltar a trabalhar.

CHIQUINHO

Meu pai, peço mil desculpas
Por assim eu lhe falar,
Mas é que não gosto de ver
Tanto calo em suas mãos,
Tanto suor nos cabelos
Tanta dor no coração...
Vou voltando meu bom pai,
Deve de ter passarinho
No caminho me esperando...
A janta vai ser melhor
Que esse arroz com feijão.
Só lhe peço sua bênção.
Isso é tudo que preciso
Pra ter força e ajudar
Minha mãe em nossa casa,
Já que na roça o senhor
Não me deixa trabalhar.

CENA VI

Página | 29

(Chiquinho beija a mão do pai e sai bem devagar, com a baladeira na mão com se procurasse pássaros nas árvores. Francisco fica sozinho, sentado no chão. Abre a marmitta e começa a comer com as mãos.)

FRANCISCO

Esse menino é diferente,
Muito diferente mesmo,
Inteligente e falador
Como ele que nunca vi.
E sei que ele tem razão,
Quanto mais eu trabalho,
Mais enrica meu Patrão.
Mas nada posso fazer,
Como vou me revoltar?
Se não trabalho pesado,
Não tem comida na mesa.
Mas uma coisa eu garanto
Enquanto eu forças tiver
De tudo mesmo eu farei
Pra Chiquinho não pegar
No cabo de uma enxada.
(acabando de comer)
Nossa! Parei muito tempo!

Vou pro trabalho voltar,
Se patrão por aqui passa
E me vê assim parado,
Logo corta meu dinheiro
E manda me despachar.
É ruim ser empregado,
Ganhar pouco e ter que ouvir
Reclamação todo dia.
Pra isso não acontecer,
Volto pro cabo da enxada.
Até a noite chegar.

(Francisco volta a trabalhar. Enquanto trabalha, no outro plano, o da casa, chega uma visita. Conversa com Catirina. Bebe um pouco d'água, conversa mais um pouco e vai embora. As luzes começam a simular o fim de tarde e começo de noite. Francisco enxuga o suor do rosto com as costas da mão. Põe a enxada nas costas e vota para casa.

CENA VII

Página | 31

(Francisco chega a sua casa. Catirina está arrumando a mesa. O outro plano deve ficar totalmente escurecido)

FRANCISCO

Boa noite, Catirina!
Como foi o dia aqui?
E o bucho como vai?
Não sentiu nadinha não?
Nenhum enjôo sentiu?
Vou tomar banho e já volto
Pra saber das novidades.

(Francisco sai de cena, como se fosse para o fundo do quintal).

CENA VIII

Página | 32

(Catirina começa a falar. Depois de alguns minutos. Ouve-se o barulho de água caindo.)

CATIRINA

Hoje foi tudo bem normal,
Quase nada aconteceu
Somente uma visitinha
Do compadre Cazumbinha
Que passando por aqui
Um copo d'água tomou.
Tá muito estranho o rapaz.
Faz bom tempo que não via.
Como envelheceu bastante!
Nem parece que é tão novo.
E fala tão engraçado,
Com palavra tão difícil.
Falou que já tá formado
E vai defender o povo
Explorado pelo Patrão,
Disse que chega da gente
Sofrer só de trabalhar,
Disse que vão invadir
Terra que nada produz

E dar pro trabalhador
Que dela precisa mais.
Fiquei foi com medo disso,
Com medo da confusão
Que ele pode aprontar
Com essa idéia de louco.

CENA IX

(Francisco volta do banho todo arrumado. Vai direto para a mesa. Antes de sentar começa a falar.)

FRANCISCO

Idéia de louco mesmo.
Essa desse rapazola.
Pobre que sonha com terra
Sempre morre bem mais cedo.
Eu que não quero conversa
Com essa tal de invasão.
Prefiro morrer bem seco
Que de novo enfrentar
A fúria de nosso Patrão.
Já basta o caso do boi
Para a lição aprender.
Pois pra Chiquinho nascer
Quase eu tive que morrer.

CATIRINA

Página | 34

E disso eu sempre me lembro,
Da cabeça não me sai
Toda aquela pajelança,
Nosso velho Cazumbá
Igual um louco a dançar
Com índios e com vaqueiros
Pra que o boi do Patrão
Pudesse voltar à vida.

FRANCISCO

E da surra que levei
Nunca mais vou esquecer...

CATIRINA

Mas, Francisco, meu bom velho,
Conversar com Cazumbinha
Me despertou um desejo
Que não quero te contar.
Um desejo tão estranho
Capaz de tirar um sono,
Um desejo tão danado
Que fez o neném pular

Um desejo que... Meu Deus!
Que nem quero te contar.

FRANCISCO

Fala logo, Catirina,
Não sendo língua de boi,
O resto posso arrumar.

CATIRINA

Desta vez língua não é.

FRANCISCO

Então diz logo, mulher!
Até parece que tem
Vergonha de me falar!

CATIRINA

Nada não. Deixa pra lá.
Nisso não pense mais não,

FRANCISCO

Página | 36

Mulher, depois desta sopa
De feijão e passarinho
Que muito gostosa está
Tenho certeza que posso
Ao menos não assustar
Com esse seu novo desejo.

CATIRINA

É... a sopa tá gostosa.
Bem gostosa de verdade...
Nosso Chiquinho pegou
Mais alguns passarinhos

FRANCISCO

E onde ele está agora?
Não vi desde que cheguei.

CATIRINA

Deve de andar por aí.
Esse menino não pára.

FRANCISCO

Página | 37

Mas não mude nosso assunto
Fale logo do desejo.

CATIRINA

Ó, meu velho, deixa disso,
Deixa o desejo pra lá.
Você não deve sofrer
Só querendo me agradar

FRANCISCO

Quando casei, Catirina,
Foi pra poder dividir
Tudo o que tenho de bom
E se precisar sofrer
Sofro sem nem reclamar.
Então diga, preta minha,
Qual desejo você teve?

CATIRINA

Quer mesmo saber, Francisco?

FRANCISCO

Página | 38

Claro que sim, Catirina.

CATIRINA

É que depois de falar
Com o doutor Cazumbinha,
Me bateu dentro do peito
Uma vontade sem fim
De ser dona de verdade
Dum pedacinho de terra.

FRANCISCO

Como é que é, mulher?
Por acaso ficou louca?
O sol fritou teu miolo?
Pegar um pedaço de terra
É o mesmo que pedir
Pra bem mais cedo morrer.

CATIRINA

José Neres

Ai, meu Deus, vou desmaiar,
Tá tudo ficando zozzo,
Tá tudo girando aqui.
Me segura... vou cair

Página | 39

(Começa a cair. Francisco segura a mulher)

FRANCISCO

Pára com isso, mulher,
Socorro, alguém ajuda,
Catirina vai morrer

CENA X

Página | 40

(Chegam correndo Chiquinho e Cazumbinha)

CAZUMBINHA

Seu Francisco, meu amigo,
Que está acontecendo?

CHIQUINHO

Que está acontecendo,
Por que mamãe tá no chão?

FRANCISCO

Meu Deus! Ela tá tremendo.

CAZUMBINHA

Bote ela na cama já.

FRANCISCO

Página | 41

Cama nós não temos não

CHIQUINHO

Leva ela pra mesa, então.

FRANCISCO

Único jeito que tem,
Me ajudem a levantar,
Que ela tá muito pesada
Pelo peso da barriga

CAZUMBINHA

Vamos todos com jeitinhos...
Conte: um, dois, três e já.

FRANCISCO

Conseguimos. Vai buscar,

Chiquinho, um pouco d'água
Do pote pra ela tomar.

CHIQUINHO

Vou e volto já, papai.

FRANCISCO

Bem depressinha, menino...

CHIQUINHO (voltando)

A água está geladinha.

CAZUMBINHA

Nossa! Ela tá muito bem mal.
É melhor chamar um médico,
Pra fazer uma consulta...

FRANCISCO

Mas que médico que nada,
Médico aqui não tem
E como o senhor já sabe
Quem todo mundo curava
Era seu falecido pai.

CAZUMBINHA

Eu, é por isso que luto
Contra essa situação.
Rico tanto rouba o pobre
E em troca nada dá.
Mas, diga lá, seu Francisco,
Se isso já aconteceu
Alguma outra vez com ela,
Ou essa é a vez primeira?

FRANCISCO

Uma vez aconteceu,
Só uma... faz muito tempo...
Chiquinho, fica cuidando
Bem aqui de tua mãe.
Daqui a pouco ela acorda
E vai passar noite inteira
A mesma coisa dizendo,

Sem ninguém mesmo escutar.

Calado fique, não diga

Nada que ela dormirá,

Mas até eu não fazer

Tudo o que ela pediu,

Ela nada mais fará.

Fique, meu filho, me chame

Quando de mim precisar.

Vamos, Doutor Cazumbinha,

A história lhe vou contar.

CENA XI

Página | 45

(Do lado de fora de casa, Francisco e Cazumbinha conversam. Lá dentro, Chiquinho entoa para a mãe desacordada uma toada de bumba-meu-boi.)

CAZUMBINHA

Parece que é muito grave
Essa tal situação...
Fico aqui a seu dispor
No que poder ajudar.
De medicina não sei,
Pois só leis eu estudei

FRANCISCO

Meu amigo, eu lhe digo
Que Catirina é assim,
Quando tem desejo, nada
Consegue lhe segurar.
Você lembra muito bem
Do problema que passei.
Até hoje todos contam
O fato que sucedeu,
Ela queria comer

A língua do boi querido
Do nosso rico Patrão.
Pra não perder nosso filho,
Pra não perder a mulher,
Eu mesmo o bicho matei.

CAZUMBINHA

Eu me lembro, seu Francisco
De tudo que aconteceu.

FRANCISCO

Pois é, Doutor Cazumbinha
Agora o desejo é outro
Bem pior que o primeiro
Não é que ela cismou
De querer ter uma terra?
Pra não perder nosso filho,
Pra não perder a mulher,
Eu não vou perder mais tempo,
Eu agora mesmo vou
Pegar pau, arame e prego
E vou cercar uma terra,
Somente um pedacinho,
Pequeno, mas tão pequeno
Que ninguém vai perceber.

CAZUMBINHA

Página | 47

Só cuidado, seu Francisco
Com esse povo invejoso.
Tem gente que não consegue
Ver outro com uma terra
Que vai logo pro Patrão
Denunciar o coitado.
Lá no nosso movimento
Que busca dar terra ao pobre
Todo dia alguém reclama
Que tem vizinho traidor.
É por isso que pregamos
União pro lavrador
Sem terra pra trabalhar,
Sem um teto pra viver,
E sem forças pra lutar.
Sobre isso que eu conversava
Com seu filho inteligente
Pouco antes do acidente.

FRANCISCO

Então pode me ajudar?

CAZUMBINHA

Página | 48

Claro, sou um advogado
Do povo. Aparecer não posso
No meio da ocupação,
Mas se a polícia surgir
E quiser alguém prender,
Eu vou pra delegacia
Salvar o pobre infeliz.

FRANCISCO

Então pode me ajudar?

CAZUMBINHA

Claro que posso, já disse,
Mas não posso aparecer,
Então seja bem discreto
Tente evitar confusão,
Caso a polícia apareça,
A lei juridicamente
Resolve a situação

FRANCISCO

Página | 49

Escutei um barulhinho
Deve ser a Catirina
Que acaba de acordar.

(Entram)

CENA XII

Página | 50

(Francisco e Cazumbinha entram. Chiquinho está olhando para a mãe)

CHIQUINHO

Ela acabou de acordar.

CATIRINA

Mas que desejo mais estranho,
Uma casa bonitinha
Uma bela plantação
Algo pra chamar de meu.

FRANCISCO

Catirina, tu tá bem?

CATIRINA

Mas que desejo mais estranho,
Uma casa bonitinha
Uma bela plantação

Algo pra chamar de meu.

CAZUMBINHA

Mas o que aconteceu
Que ela só repete isso?

FRANCISCO

Foi isso que aconteceu,
Quando da língua do boi.
Quando ela tem um desejo,
Desejo de mulher grávida,
Passa a repetir a mesma
Coisa até se cansar.

CATIRINA

Mas que desejo mais estranho,
Uma casa bonitinha
Uma bela plantação
Algo pra chamar de meu.

CHIQUINHO

Pai, qual é a solução?

FRANCISCO

Página | 52

O único remédio que sei
É realizar desejo
E ver o que acontece.

CATIRINA

(Gritando repetidas vezes. Cada vez que ele repete, o som das matracas se torna mais forte, até abafar completamente a voz dela. Enquanto isso, Francisco anda de um lado para o outro, com as mãos na cabeça)

Mas que desejo mais estranho,
Uma casa bonitinha
Uma bela plantação
Algo pra chamar de meu.

Mas que desejo mais estranho,
Uma casa bonitinha
Uma bela plantação
Algo pra chamar de meu.

Mas que desejo mais estranho,
Uma casa bonitinha
Uma bela plantação
Algo pra chamar de meu.

FRANCISCO

Página | 53

Meu bom filho, vá pegar
Arame, prego e martelo
Que eu agora vou sair
Pro problema resolver.
Vou tomar uma terrinha
E cercar ela todinha
Pra sua mãe não morrer.
Assim, de uma só vez,
Salvo filho e mulher.

CHIQUINHO

Pai, eu quero ir também
Ajudar a trabalhar

FRANCISCO

E quem fica com sua mãe?
Sozinha não vai ficar...

CAZUMBINHA

Seu Francisco, pode ir,
Que aqui eu ficarei.
E com nada se preocupe,
Pois a lei aqui está.
Tanto a de nosso Bom Deus
Como a do homem também.

FRANCISCO

Vamos, Chiquinho, não temos
Muito tempo pra sair.
O dia ainda tá longe,
Dá tempo de tudo cercar.

(Francisco e Chiquinho, apressados, recolhem material e saem apressados. Cazumbinha fica cochilando. Vez ou outra toma um gole de cachaça)

CENA XIII

Página | 55

(Cena sem palavras. No plano da roça, pai e filho levantam uma cerca tosca. No escuro, só dá para a platéia perceber o movimento do trabalho e o som de madeira sendo pregada. Terminam e voltam para casa. Enquanto trabalham um homem passa por um foco de luz bem distante de pai e filho, o homem olha o cercado e sai correndo. O dia vai surgindo. Sons de matraca começam bem fracos e vão ganhando intensidade, até se tornarem ensurdecedores. Silêncio. Francisco e Chiquinho voltam para casa)

CENA XIV

Página | 56

(Cena sem palavras. O desconhecido da cena anterior volta com oito homens armados, todos mascarados. Destroem a cerca com violência. Depois, o desconhecido faz um gesto e aponta para a casa de Francisco. Todos saem de cena)

CENA XV

Página | 57

(Já amanheceu. Catirina está em pé e fala a frase de sempre)

CATIRINA (Aos gritos)

Mas que desejo mais estranho,
Uma casa bonitinha
Uma bela plantação
Algo pra chamar de meu.

Mas que desejo mais estranho,
Uma casa bonitinha
Uma bela plantação
Algo pra chamar de meu.

Mas que desejo mais estranho,
Uma casa bonitinha
Uma bela plantação
Algo pra chamar de meu.

FRANCISCO

Obrigado, seu doutor
Por vigiar nossa casa.
O serviço já tá feito,

Só resta agora esperar
Que nosso Patrão não venha
Hoje mesmo reclamar.

CAZUMBINHA

Pois pra mim foi um prazer
Ter podido lhe ajudar.
Se o Patrão aparecer
Começamos um processo
Por via judicial
O processo rolará
Até que um dia desses
Acabará arquivado.
Nossa justiça é bem lenta,
Não se preocupe mais não...

FRANCISCO

Catirina, meu amor,
Já temos nossa terrinha,
Você pode despertar.
Realizei seu desejo
Junto com nosso filhinho.

CATIRINA (Voltando ao normal)

Página | 59

Que boa notícia é essa
Que me traz o meu amado!
Posso agora plantar milho,
Macaxeira, até feijão.
Posso criar um patinho
Ou quem sabe uma galinha
Pra não ter necessidade
E ter sempre o que comer

CHIQUINHO (Apontando para o lado de fora)

Pai, quem é que vem ali?

CAZUMBINHA

Pra mim parece o Patrão

FRANCISCO

Oh, meu Deus, não pode ser!

CHIQUINHO

O que ele vem fazer?

Página | 60

CAZUMBINHA

Algo bom não deve ser...

CHIQUINHO

E quem vem com ele ali?

CAZUMBINHA

Vejo todos mascarados...

CHIQUINHO

Eu acho que estão armados...

FRANCISCO

Corre, meu Chiquinho corre...

CAZUMBINHA

Página | 61

Vai pra bem longe daqui...

FRANCISCO

E nem olhe para trás!

CATIRINA

Deus te abençoe, meu filho...

Teu irmão não vai nascer.

Língua de boi já é muito

Pra um pobre desejar

Que dirá então de terra

Que não seja cova rasa.

Corre, meu Chiquinho corre...

Vai pra bem longe daqui...

E nem olhe para trás.

(Chiquinho, chorando, beija a mão do pai e da mãe. Abraça Cazumbinha e sai correndo pelos fundos do cenário)

CENA XVI

Página | 62

(Cena sem palavras. Com violência o grupo chega e vai destruindo tudo. Cazumbinha, Francisco e Catirina tentam se esconder. Tiros representados por matracadas. Os três caem mortos. Os homens mascarados levam os corpos para fora do palco. Escuridão total nos dois cenários. Silêncio)

CENA XVII

Página | 63

(Chiquinho na roça, com a enxada na mão. Está lavrando a terra. Pára. Enxuga o suor da testa. Olha no rumo da casa destruída)

CHIQUINHO

É... Nesse mundo cruel
Quem sonha morre bem cedo
Mas só pequei em sonhar.
Sonhei um mundo perfeito
Com terrinha para todos,
Na justiça acreditei,
Mas a todos eu perdi.
Agora sou um escravo
A trabalhar noite e dia
Como forma de pagar
A sorte de ter ficado
Vivo. O Patrão já falou
Que prejuízo foi grande.
Serão de trabalho dez
Anos sem poder parar.
Só depois serei eu livre
Deste meu duro trabalho.
Só depois serei eu livre
Para voltar a sonhar.
Só depois serei eu livre
Pra em vingança pensar.

Nossa! Parei muito tempo!
Vou pro trabalho voltar,
Se patrão por aqui passa
E me vê assim parado,
Logo me corta de relho
E manda me despachar.
É bem ruim ser escravo,
Nada ganhar e ainda ouvir
Reclamação todo dia.
Pra isso não acontecer,
Volto pro cabo da enxada
Até comida chegar.
Como eu queria saber
Como lá em casa está.
Mas como casa não tenho,
Nem vida mesmo possuo,
O que me restas é viver
Para ver Patrão morrer.

(Chiquinho volta a trabalhar. O som das matracas se torna mais alto, até se tornar insuportável. De repente, pára.)

Desce o pano.

FIM